

# GDF expulsa 22 invasores do camping

*Secretaria de Turismo destrói barracos e fixa normas e preços para utilização da área que sediará reunião de campistas*

Rogério Dy La Fuente  
Da equipe do Correio

Para o governo foi um alívio. Para os moradores removidos, uma agressão e o fim de vários sonhos. Em quatro horas foi feita ontem pelo Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo) a retirada das barracas de 13 famílias (22 pessoas) que ocupavam o Camping de Brasília irregularmente há dez anos. Cansada de esperar pela desocupação do camping, a Secretaria de Turismo decidiu, literalmente, "chutar o pau da barraca" e, ao acionar o Siv-Solo, revelou desigualdades nas condições sociais dos moradores da área.

"Com dois dias a gente saía daqui. O que não pode ser é nos retirarem no chute, que nem bandido", reclamou o artesão Josival de Aguiar Tavares. "Não dava para manter esta situação, tentamos vários acordos mas os moradores do camping não quiseram acertar conosco e agora têm de cumprir a decisão da Justiça", explicou o administrador do camping, Otávio Assis.

"Eles nos tratam como invasores,

mas nós entramos pela porta da frente e nossas barracas são cadastradas. Sabemos que aqui não é lugar para residência, mas quem podia morar em outro lugar já saiu", reclamou Maria Inês Alves de Melo, artesã que morava há dez anos no camping.

## REACÃO CONTIDA

Diante dos agentes do Siv-Solo e de um microônibus com 15 PMs, os ocupantes do camping resolveram não reagir. "Vontade de resistir não falta, mas só se a gente fosse brigar armado de panela contra os cassetes", brincou o ambulante José Matoso, que há oito anos trocou assumidamente a mulher e dois filhos por uma vida de farras e aventura. "Aqui no camping é um dos poucos lugares onde posso tomar meus porres e morar em paz com minha amante psicológica", disse. A amante de Matoso, gaúcho, 55 anos, é a gata vira-lata Cherri, que divide a barraca com ele. Para sobreviver, Matoso vende calcinhas perfumadas, pomadas chinesas e batons em repartições.

A pior reação foi de Renata Tavares, 13 anos, filha do artesão Josival. Às 12h30, ela chegou da Escola Classe do Setor Militar Urbano, com os irmãos Felipe, de sete anos, e Camila, de cinco, e se deparou com a barraca desmontada. A menina não suportou e teve uma crise de choro. Depois de refeita ficou indignada. "Tô com raiva. Isso é uma tristeza", lamentou.

"Cinquenta mais cinquenta são cem. Derrubam minha casa e eu fico sem-terra também", rimou Josival, tentando animar a filha e a mulher Sandra. "Ganho R\$ 200 por mês para o sustento. Se for pagar um aluguel na Ceilândia, tiro comida da boca de minhas filhas", opinou. Josival estava com a família no camping há oito anos. Se tivesse de pagar pelo tempo de permanência desembolsaria R\$ 8 mil em diárias atrasadas.

A Secretaria de Turismo, que pediu a desocupação da área para reformá-la e realizar o Encontro Nacional de Campistas, de 15 a 21 de julho, não calculou o valor do prejuízo que teve com a ocupação irregular. "Esse é um dinheiro a ser cobrado judicialmente, mas dificilmente nós veremos de volta", diz Marcelo Dourado, assessor da secretaria. Agora, o camping, ao ser reaberto, cobrará diária de R\$ 3,31 por adulto e R\$ 1,65 por criança.

Carlos Moura



Renata (D) teve crise de choro ao ver derrubada barraca onde foi criada: "Isso é uma tristeza. Estou com raiva"